



ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO DE “A REAL DURWAN”, DE JHUMPA LAHIRI, PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

Ronelson Campelo Silva¹

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
E-mail: ronelsonpvh@gmail.com

Andréa Moraes da Costa²

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
E-mail: andrea@unir.br

RESUMO: Este estudo tem por objetivo analisar a tradução, para a língua portuguesa, do conto “A Real Durwan” (1999), de Jhumpa Lahiri, — realizada por José Rubens Siqueira e intitulada “Um Durwan de Verdade” (2019) —, a fim de identificar quais as estratégias de tradução empregadas pelo tradutor, sobretudo, no que se refere aos marcadores culturais presentes no referido conto. O desenvolvimento desta pesquisa é de cunho descritivo, explicativo e bibliográfico, tendo como suporte teórico estudiosos da tradução, dentre eles André Lefevere (2006), Edwin Gentzler (2009), Heloísa Gonçalves Barbosa (1990) e Lawrence Venuti (1995;1996). Para embasar as discussões acerca dos marcadores culturais, esta pesquisa contou com pressupostos sobre esta temática desenvolvidos por Francis Henrik Aubert (2006). A análise aqui proposta foi realizada por meio do cotejamento entre o texto fonte, em inglês, e sua tradução para a língua portuguesa. Assim, foi possível comprovar a hipótese deste estudo, isto é, que Siqueira adotou as estratégias de domesticação e de estrangeirização para traduzir os marcadores culturais presentes no conto de Lahiri.

Palavras-chave: “A Real Durwan”. Domesticação. Estrangeirização. Tradução Cultural.

FOREIGNIZATION AND DOMESTICATION: AN ANALYSIS OF THE TRANSLATION OF “A REAL DURWAN”, BY JHUMPA LAHIRI, TO THE PORTUGUESE LANGUAGE

ABSTRACT: This study aims to analyze the translation, into Portuguese, of the short story “A Real Durwan” (1999), by Jhumpa Lahiri, — carried out by *José Rubens Siqueira* and entitled “Um Durwan de Verdade” (2019) —, to identify which translation used by the translator, above all, regarding the cultural markers present in the local story. The development of this research is of a descriptive, explanatory, and bibliographic nature, having as theoretical support scholars of translation, among them André Lefevere (2006), Edwin Gentzler (2009), Heloísa Gonçalves Barbosa (1990) and

¹ Licenciando do 8º período de Letras Estrangeiras – Inglês e Mestrando no PPG/MEL-Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários do Departamento de Línguas Vernáculas, do Núcleo de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa de Estudos da Tradução da Amazônia – GETRA, credenciado pelo CNPq.

² Professora orientadora deste trabalho, lotada no Departamento de Línguas Estrangeiras (DLE) da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Líder do Grupo de Pesquisa de Estudos da Tradução da Amazônia – GETRA, credenciado pelo CNPq.

Lawrence Venuti (1995; 1996). This research had assumptions about this theme, developed by Francis Henrik Aubert (2006) to support as responsible for cultural markers. An analysis proposed here was carried out by comparing the source text, in English, and its translation into Portuguese. Thus, it was possible to prove the hypothesis of this study, that is, that Siqueira adopts as a strategy of domestication and foreignization to translate the cultural markers present in the tale of Lahiri.

Keywords: “A Real Durwan”. Cultural Translation. Domestication. Foreignization.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar a tradução, para a língua portuguesa, do conto “A Real Durwan” (1999), de Jhumpa Lahiri, realizada por José Rubens Siqueira — intitulada “Um Durwan de Verdade” (2019) —, a fim de identificar quais as estratégias de tradução adotadas por esse tradutor, sobretudo, no que diz respeito aos marcadores culturais presentes no referido conto.

Para o desenvolvimento deste estudo, optamos pela pesquisa descritiva, explicativa e bibliográfica, sendo amparada pelos teóricos da perspectiva contemporânea dos Estudos da Tradução, tais como: André Lefevere (2006), Edwin Gentzler (2009) e Heloísa Gonçalves Barbosa (1990). Além disso, para embasar as discussões sobre as estratégias de tradução utilizamos os pressupostos de Lawrence Venuti (1995;1996), e em relação aos marcadores culturais, contamos com os pressupostos formulados por Francis Henrik Aubert (2006).

A hipótese que norteia este trabalho é que o tradutor de “A Real Durwan” (1999) empregou as estratégias de estrangeirização, destacando assim a cultura do outro, e a domesticação, facilitando a compreensão do contexto do conto por parte do seu público-alvo.

Por meio desta pesquisa, pretendemos contribuir para a valorização do tradutor no âmbito social — dando visibilidade ao ofício do tradutor — e para a área de letras, especialmente no campo da tradução literária, pois demonstraremos que a tarefa tradutória envolve não somente aspectos linguísticos, mas também aspectos de ordem cultural, política, religiosa, econômica, dentre outros.

Para o alcance do nosso objetivo, primeiro, iniciamos o estudo com reflexões referentes à Tradução Cultural, em seguida, apresentamos conceitos sobre as estratégias de domesticação e estrangeirização, empregadas em processos tradutórios, e de marcadores culturais. Posteriormente, exibimos as biografias da Lahiri e do tradutor de “A Real Durwan” (1999), assim como alguns excertos extraídos deste conto, cotejando-os à sua reescrita para a

língua portuguesa. Ao final, tecemos reflexões sobre as escolhas tradutológicas empregadas por Siqueira ao deparar-se com os marcadores culturais presentes no conto em pauta.

1 TRADUÇÃO CULTURAL

Dentre as teorias contemporâneas da tradução, seguiremos nesta pesquisa o viés da Tradução Cultural, vertente esta, que se consolidou nos Estudos da Tradução a partir da década de 1990. Essa perspectiva teórica dá atenção — no momento da reescritura — ao fator cultural presente no texto e não somente aos elementos estruturais e gramaticais. Nesse viés, duas abordagens dos Estudos Tradutológicos contribuíram para o fortalecimento da Tradução Cultural, sobretudo na área da Tradução Literária, quais sejam: a abordagem dos Polissistemas e dos Estudos Descritivos.

A abordagem dos Polissistemas foi proposta em 1978 pelo pesquisador israelense Itamar Even-Zohar. Em sua pesquisa, Even-Zohar (apud GENTZLER, 2009, p. 148) afirma que o sistema literário é influenciado por grandes polissistemas, como a cultura, religião, economia, política, dentre outros, que interagem e interligam-se, com dinamismo, flexibilidade e hierarquia. Ao citar hierarquia, o pesquisador sugere que alguns sistemas podem ser considerados mais influentes que outros, o que gera conflitos entre eles. A pesquisa de Even-Zohar foi relevante porque deu a devida importância aos elementos externos envolvidos no sistema literário, visto que antes da década de 1970, os referidos elementos eram ignorados pelos teóricos literários (GENTZLER, 2009, 150-154), pois a atenção era voltada aos aspectos linguísticos presentes na tarefa tradutória.

Os Estudos Descritivos, por sua vez, foram delineados por Gideon Toury. Em seu argumento sobre contexto de chegada, Toury (apud PYM, 2017, p. 154) declara “[...] que todos os fatores necessários para descrever como as traduções funcionam, especificamente, podem ser encontrados no sistema de chegada”. Essa percepção de Toury ofereceu uma nova perspectiva para a tradução, contrariando as teorias tradicionais do campo tradutológico que privilegiavam apenas o texto de partida, todavia, isso não quer dizer que o texto de partida deve ser deixado de lado, apenas reforça que o foco também necessita ser direcionado para o texto de chegada, pois os tradutores estão traduzindo, principalmente, para esse público.

Uma questão que julgamos importante referente à abordagem descritiva refere-se ao seu objetivo. O foco dessa abordagem distancia-se das ideias dos estudos tradicionais da

tradução que visavam ensinar técnicas de tradução, prescrever atividades, ou determinar regras de como deveria ser executado o ato tradutório. Diferentemente disso, os Estudos descritivos visam auxiliar, por meio de descrições, a tradução, buscando a compreensão, não de forma somente linguística, mas sim do entendimento do fenômeno tradutório em meio à cultura alvo (STERVID, 2020, p. 06). Além disso, a abordagem descritiva considera o contexto sócio-histórico, investigando as possíveis razões que levam o tradutor a adotar certas estratégias de tradução, para que o texto traduzido funcione na cultura de chegada.

Outra contribuição para a Tradução Cultural veio da noção de *reescrita* delineada pela teórica Susan Bassnett (2005). Em seu livro *Estudos de Tradução*, Bassnett (2005, p. 61) destaca que a língua falada, prontamente, é uma tradução do mundo não verbal, e o texto escrito, uma tradução da língua falada. Esse entendimento suscita questionamentos a respeito do que é considerado um texto “original” e ganha relevo nas próprias reflexões da autora, quando ela menciona que todo texto é distinto, ou seja, mesmo que tenha sido traduzido da mesma língua possuirá suas próprias características, portanto um texto novo, reescrito.

Mais uma noção importante, principalmente, para esta pesquisa, diz respeito à *patronagem*. Esse termo foi concebido pelo estudioso André Lefevere (2007) e referencia poderes que controlam o sistema literário, composto por pessoas ou instituições, tais como editoras, grupos religiosos, a mídia, dentre outros. Para o teórico esses poderes são capazes de promover ou impedir a leitura de uma determinada literatura (LEFEVERE *apud* COSTA, 2013, p. 05), interferindo também nas escolhas das estratégias de tradução adotadas pelo tradutor, o qual resulta, por exemplo, em textos com caráter liberal, aberto às diferenças culturais, ou mais conservador, resistente a cultura do outro.

Nesse sentido, tais noções oportunizam um novo olhar ao ato de traduzir, e amparam o tradutor no momento da reescrita, uma vez que, ciente dos aspectos internos e externos que influenciam a tradução, o tradutor durante seu trabalho não focará exclusivamente na estrutura linguística do texto fonte, mas incluirá em seu foco o contexto em que a obra a ser traduzida está situada e em qual contexto ela será inserida mediante sua tradução.

Dito isso, destacamos que tanto as abordagens anteriormente citadas, descritivas e polissistemas, quanto as mudanças desenvolvidas na compreensão do ato da tradução promovidas pelos teóricos Lefevere (2007) e Bassnett (2005) contribuíram para o que se convencionou chamar, a partir da década de 1990, de “Virada Cultural”, o que conferiu aos Estudos da Tradução uma abordagem pautada na perspectiva cultural. Nessa fase dos Estudos

da Tradução, terminologias como “fidelidade” e “original” passaram a ficar em desuso, conforme destaca Maria Paula Frota (2007, p. 154),

[...] entre os estudiosos da tradução não se encontra mais a defesa da absoluta transferência dos textos, da equivalência ou fidelidade perfeitas, do autor como origem primeira e única do original, da tradução como uma atividade banal ou impossível; a virada linguística deu lugar à virada cultural.

Com a “Virada Cultural”, os teóricos da tradução passaram, então, a empregar expressões como texto fonte, texto primeiro, língua fonte, língua alvo ou língua de chegada (OUSTINOFF, 2011, p. 53). Essas expressões dão ênfase aos fatores extralinguísticos do texto, demonstrando assim, que o texto contém diversos significados e interpretações. Ao realizar uma tradução, os tradutores, adeptos da perspectiva cultural da tradução, passaram a se orientar por meio da pesquisa, dando atenção ao fator cultural contido no texto, afinal nessa perspectiva, os tradutores necessitam, na medida do possível, ter um certo conhecimento tanto sobre a língua, quanto sobre a cultura dos envolvidos na tradução (PIRES, 2008, p. 02).

Diante disso, e tendo em mente a perspectiva da Tradução Cultural, as análises tradutológicas aqui realizadas, refletirão tanto sobre a cultura de partida do conto de Lahiri, no caso a indiana e a inglesa, quanto sobre sua cultura de chegada, a brasileira, para em seguida, abordarmos o ponto principal deste estudo, as estratégias de tradução.

Entretanto, antes de discutirmos sobre as estratégias de tradução, faz-se necessário, primeiramente, discorrer sobre os chamados marcadores culturais. Portanto, na seção seguinte, abordaremos os marcadores culturais, tendo como base a concepção e subdivisões dos marcadores, ou seja, domínio ecológico, cultura material, cultura social e cultura ideológica proposta por Francis Henrik Aubert (2006).

2 MARCADORES CULTURAIS

Admita-se, inicialmente, que toda língua é um fato cultural (AUBERT, 2006, p. 24).

A afirmação descrita acima, do teórico Aubert (2006), indica que ao discutirmos sobre língua/idioma, obrigatoriamente, estamos a dialogar acerca da cultura, sugerindo assim, que cada expressão na língua envolve uma gama de comportamentos dos grupos sociais que dela

pertencem. Conforme destaca Aubert (2006, p. 24),

[...] tudo na língua – e toda expressão da língua na fala – porta em si uma ou mais marcas reveladoras deste vínculo cultural, traços que remetem a conjunto de valores, de padrões comportamentais, linguísticos e extralinguísticos que, [...] individualizam e caracterizam ou tipificam determinado complexo língua/cultura em relação a outras línguas/culturas, próximas ou distantes [...].

Por meio do cotejamento do conto de Lahiri com a sua tradução poderemos identificar as marcas culturais, presentes neste conto, sobre as quais Aubert se refere, pois as expressões que serão selecionadas, ao serem analisadas, poderão revelar aspectos sobre o contexto incluído na obra de partida, e os possíveis motivos das escolhas desses marcadores pela autora. As expressões marcadas culturalmente individualizam e dão destaque à cultura retratada no conto, sendo uma oportunidade de desconstruir estereótipos que a falta de conhecimento sobre o outro, por vezes, produz.

Nesse sentido, é importante destacar que as denominadas marcas reveladoras do vínculo cultural de um povo são nomeadas por Aubert (2006, p. 24) como marcadores culturais, os quais abrangem uma gama de elementos da cultura. Dessa forma, Aubert subdividiu os marcadores em 04 (quatro) tipos, são eles: os marcadores que remetem ao universo ecológico, a cultura material, a cultura social e a cultura ideológica. A seguir apresentamos as definições de tais marcadores culturais segundo Aubert (2006, p. 24):

- No domínio ecológico: são palavras que remetem à hidrografia, a fauna, a flora e espaços naturais, vocábulos característicos da natureza. Ex.: *tucano* e *vitória-régia*.
- Domínio da cultura material: são palavras que designam objetos/construções criados ou transformados pelo homem. Ex.: *maracá* e *canoa*.
- Domínio da cultura social: palavras que remetem às relações sociais de toda a ordem do próprio homem, como relações de classes, funcionais, profissionais e hierárquicas. Exemplos na língua portuguesa: *moleque* e *ribeirinho*.
- Domínio da cultura ideológica: são aquelas palavras que remetem a sistemas mitológicos, crenças, mitos. Ex.: *boto cor de rosa* e *saci*.

Desse modo, considerando essa classificação proposta por Aubert, poderemos

identificar e classificar os marcadores culturais do conto “A Real Durwan” (1999), e a partir disto, cotejando com os marcadores na versão em língua portuguesa, seremos capazes de definir quais as estratégias de tradução o tradutor José Rubens Siqueira empregou ao deparar-se com palavras culturalmente marcadas presentes no texto de Lahiri.

Na próxima seção, apresentaremos sobre as estratégias de domesticação e estrangeirização, pontuando e diferenciando cada uma delas, de acordo com a percepção do teórico Lawrence Venuti (1995; 1996).

3 DOMESTICAÇÃO X ESTRANGEIRIZAÇÃO

Domesticação e estrangeirização são duas estratégias de tradução comumente adotadas em traduções interlinguais³ na esfera literária. Para Venuti (1995, p. 20), o método de domesticação “[...] configura-se como uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro nos valores culturais da língua-alvo, trazendo o autor de volta para casa [...]”⁴. Essa estratégia é visualizada quando o tradutor “traz” o texto fonte para “casa”, ou seja, transforma expressões do texto primeiro em expressões familiares da língua do seu público-alvo. Em outras palavras, o tradutor analisa as expressões presentes no texto fonte, e compara-as com elementos do idioma do texto de chegada, e transforma-as, domestica-as.

Quanto à estratégia de estrangeirização, Venuti (1995, p. 20) afirma que neste contexto ocorre “[...] uma pressão etno evidente sobre esses valores para registrar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro, enviando o leitor para o exterior”⁵. Nesse caso, o tradutor realiza uma espécie de “recorte” do texto fonte, selecionando determinadas expressões características da língua fonte, as quais possuem um valor cultural, e os “cola” no texto final sem qualquer alteração no significante.

Na obra *Procedimentos Técnicos da Tradução* (1990) a teórica Heloísa Gonçalves Barbosa (1990, p. 26) descreve sobre a estratégia de estrangeirização também nomeando-a como empréstimo, já no ensaio *Hibridismo Cultural* (2003) proposto por Peter Burke (2003), o autor menciona sobre o empréstimo cultural a partir de uma citação do teórico Edward Said,

³ “[...]a tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua” (ROMAN JAKOBSON, 2003, p. 65).

⁴ “Domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home [...]” (VENUTI, 1995, p. 20) [Tradução nossa].

⁵ “[...] an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad” (VENUTI, 1995, p. 20) [Tradução nossa].

o qual afirma que “[a] história de todas as culturas é a história do empréstimo cultural” (SAID apud BURKE, 2003, p. 44). Burke destaca ainda que o termo empréstimo era considerado uma nomeação pejorativa, que recebia diversas críticas. Como a crítica do francês Henri Estienne que escreveu sobre “[c]hefes de família incompetentes” [...] que emprestavam dos vizinhos o que já tinham em casa” (BURKE, 2003, p. 48).

Ao adentrarmos no campo da tradução, percebemos que o conceito apresentado por Burke (2003) a respeito de empréstimo cultural está ligado à estratégia de tradução estrangeirizadora. Ambos os termos, (empréstimo e estrangeirização) em seus cerne, possuem definições semelhantes, uma vez que nos dois casos haverá uma espécie de recorte seja do significante de um texto ou mesmo de um elemento cultural do texto-fonte que será inserido no texto traduzido, sem nenhum tipo de alteração na “forma” em que se vê ou se ouve a expressão.

Diante disso, o tradutor, ao reescrever os marcadores culturais, poderá optar pelas estratégias de domesticação ou estrangeirização, ou ainda por ambas. Mas é relevante mencionar que as escolhas do tradutor, no que se refere as soluções tradutórias, dependerão de vários elementos, tanto linguísticos quanto culturais.

Assim sendo, antes de analisarmos as soluções tradutórias empregadas por Siqueira, e devido ao fato de o *corpus* de análise desta pesquisa tratar-se de uma obra literária, encaminhamos, no tópico seguinte, uma síntese da biografia da autora do objeto deste estudo, ou seja, de Lahiri e do tradutor do conto “A Real Durwan” (1999) e, na sequência, apresentaremos o enredo do conto em tela.

4 SOBRE A AUTORA: JHUMPA LAHIRI

Nilanjana Sudeshna Lahiri nasceu em 1967 em Londres na Inglaterra; filha de um casal de indianos, Tapati e Amar. Seus pais moraram por dois anos em Londres, e devido a uma proposta de transferência de local de trabalho ofertada ao seu pai — bibliotecário na Universidade de *Rhode Island* — mudaram-se para os Estados Unidos da América — EUA. Lahiri estudou no *Bernard College* e na Faculdade de Artes Liberais para Mulheres. Graduou-se em língua inglesa e cursou o mestrado, também em língua inglesa, escrita criativa e literatura comparada, além do doutorado em Estudos da Renascença (LAHIRI, 2004, *Orelha do livro*).

Lahiri foi agraciada com o prêmio *Pulitzer* por sua obra *Interpreter of Maladies*⁶ (1999). Dentre suas publicações, destacamos o romance *The Namesake*⁷ (2003), que foi traduzido para as telas de cinema, e *In Other Words*⁸ (2016). Convém destacar que os enredo das obras literárias de Lahiri apresentam com frequência protagonistas homens e mulheres de origem indiana, que residem nos Estados Unidos da América — EUA pelos mais variados motivos, alguns são residentes temporários, outros de nascença.

Ao realizar a leitura das obras de Lahiri, podemos observar como seus textos possuem uma forte presença de personagens estrangeiros que estão envolvidos em um sentimento desconfortável, sentindo-se deslocados no ambiente em que estão residindo ou convivendo, conforme veremos a seguir, no conto objeto desta pesquisa.

5 SOBRE O ENREDO DO CONTO “A REAL DURWAN”

“A Real Durwan”, publicado em 2019, tem como personagem principal uma senhora de sessenta e quatro anos, chamada Buri Ma, que “reside” em um prédio decadente de quatro andares composto por pequenos apartamentos. Buri Ma, diferente dos inquilinos, não possui um apartamento. Os moradores do local permitem que ela durma em um pequeno espaço, atrás da caixa de correio na entrada do prédio. Em troca, ela varre a escadaria do prédio todos os dias e mantém a limpeza do local, além de realizar indiretamente serviços de portaria.

No início do conto, a protagonista comenta com uma vizinha que não está conseguindo dormir à noite, culpando as pulgas que infestaram sua colcha/cama. Para minimizar a suposta infestação, a protagonista decidiu lavar a colcha e colocá-la no varal. Sua vizinha, ao notar o estado da colcha em frangalhos, informa a Buri Ma que providenciará uma colcha nova para ela. Mais tarde, confiante que receberia uma colcha nova, não a retira do varal, assim a colcha é destruída pela chuva.

Horas depois desse episódio, o marido da vizinha, que prometeu a colcha, retorna ao prédio informando que recebeu uma promoção no trabalho, e para comemorar comprou duas pias, uma foi instalada na sua própria residência e outra na entrada do prédio. Esta pequena mudança causou um alvoroço no prédio, pois alimentou o desejo de todos os inquilinos a demonstrarem para os outros vizinhos que também eram capazes de adquirirem posses. A

⁶ *Intérprete de males* (2019)

⁷ *O xará* (2014)

⁸ *Em outras palavras* [Tradução nossa].

partir disso, muitos serviços de manutenção começaram a ser realizados no prédio, a escada que Buri Ma limpava tinha movimento de operários que subiam e desciam realizando reformas nos quartos. Com isso, os serviços dela se tornaram cada vez mais desnecessários.

Sua vizinha que providenciaria a colcha nova, no dia seguinte, embarca em uma viagem e praticamente esquece do prometido. Com a mudança de rotina no prédio, Buri Ma começa a realizar passeios na rua para preencher seu tempo ocioso. Em um determinado dia, quando gastava suas poucas economias, percebeu que haviam roubado as chaves, — uma delas, uma chave mestra — que guardava no bolso.

Quando a protagonista retorna ao prédio, ela descobre que o edifício foi invadido, e que roubaram a pia e outros pertences dos inquilinos. Buri Ma é considerada culpada pelo ocorrido, sendo expulsa do prédio imediatamente. Sem direito a se defender, a personagem fica vagando pelas ruas sem rumo, sem bens, apenas com sua vassoura. Enquanto isso, os residentes decidem que eles precisam de um porteiro/zelador novo, não alguém como Buri Ma, mas um *durwan* (porteiro/zelador) de verdade.

Diferente de algumas obras de Lahiri, as quais são ambientadas nos Estados Unidos da América — EUA, o conto exposto, ocorre no país de origem da personagem, a Índia, destacando sua convivência com seus conterrâneos. O que surpreende é que mesmo estando em sua terra natal, Buri Ma transmite ao leitor a sensação de ser uma estranha, uma pessoa deslocada em sua própria terra, buscando a todo tempo seu espaço, e principalmente, ser aceita por todos.

Esse conto foi traduzido da língua inglesa para a língua portuguesa. Sua reescrita foi realizada por José Rubens Siqueira, que possui uma vasta experiência como tradutor de obras literárias de vários idiomas. Abaixo, discorreremos uma breve biografia sobre Siqueira.

6 O TRADUTOR: JOSÉ RUBENS SIQUEIRA

José Rubens Siqueira é cenógrafo, diretor, escritor e o tradutor responsável pela tradução do objeto desta pesquisa, isto é, de “A Real Durwan”, que compõe a obra *Interpreter of Maladies* (1999), de Jhumpa Lahiri, traduzida e publicada para a língua portuguesa pela editora Biblioteca Azul.

O paulista Siqueira traduziu obras de nomes da literatura internacional como Toni Morrison, Mario Vargas Llosa, J. M. Coetzee, Salman Rushdie e Pedro Juan Gutiérrez.

Siqueira não somente, traduziu obras da língua inglesa, mas reescreveu, ao longo de quarenta anos, também no idioma espanhol, francês e italiano, tendo parceria das editoras Companhia das Letras, Alfabeta, Record, CosacNaify e Globo (SIQUEIRA, 2017).

Posto isso, seguimos para a análise da obra em questão. Para tanto, na próxima seção, apontaremos os marcadores culturais identificados no conto, durante nossa investigação, e sucessivamente, traremos a discussão as soluções tradutórias empregadas por Siqueira para cada um desses marcadores.

7 ESTRANGEIRIZAÇÃO E DOMESTICAÇÃO NA REESCRITA DO CONTO “A REAL DURWAN” PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

Após realizar o cotejo do conto “A Real Durwan” (1999), em língua inglesa, com sua reescrita em língua portuguesa, identificamos 09 (nove) excertos que apresentam marcadores culturais, dentre eles 05 (cinco) pertencentes ao domínio da cultura social, 03 (três) da cultura material, e 01 (um) marcador do domínio ecológico, sendo que não identificamos marcadores no domínio da cultura ideológica, conforme podemos conferir a seguir no Quadro 01.

Quadro 01 – Marcadores culturais

Item	Excerto Versão língua inglesa	Excerto versão brasileira	Domínio marcador cultural	Estratégia empregada
01	“[...] Boori Ma’s services came to resemble those of a real <i>durwan</i> ” (LAHIRI, 1999, p. 73).	“[...] os serviços de Buri Ma chegaram a rivalizar com os de um verdadeiro <i>durwan</i> ” (LAHIRI, 2019, p. 84). Nota de rodapé: “Porteiro, zelador”.	Cultura social	Estrangeirização
02	“[...] a rosewood <i>almari</i> [...]” (LAHIRI, 1999, p. 71).	“[...] uma <i>almari</i> de pau-rosa” (LAHIRI, 2019, p. 81).	Cultura material	Estrangeirização

03	“ <i>Bechareh</i> , she probably constructs tales as way of mourning the loss of her family [...]” (LAHIRI, 1999, p. 72).	“ <i>Bechareh</i> , ela provavelmente inventa histórias como forma de lamentar a perda da família [...]” (LAHIRI, 2019, p. 83). Nota de rodapé: “Coitada”, “pobrezinha”.	Cultura social	Estrangeirização
04	“[...] a prosperous <i>zamindar</i> ” (LAHIRI, 1999, p. 73).	“[...] um próspero <i>zamindar</i> ” (LAHIRI, 2019, p. 83). Nota de rodapé: “Proprietário de terras, especialmente o que arrenda suas terras para lavradores”.	Cultura social	Estrangeirização
05	“ <i>Boori Ma</i> , sweeper of the stairwell, had not slept in two nights” (LAHIRI, 1999, p. 70).	“ <i>Buri Ma</i> , varredora de escada, não dormia havia duas noites” (LAHIRI, 2019, p. 81).	Cultura social	Domesticação
06	“It could be a case of prickly heat ” (LAHIRI, 2019, p. 74).	“— Deve ser brotoeja de calor ” (LAHIRI, 1999, p. 85).	Cultura social	Domesticação
07	“[...] <i>Boori Ma</i> insisted that she had come to Calcutta on a bullock cart ?” (LAHIRI, 1999, p. 72).	“ <i>Buri Ma</i> insistia que viera de Calcutá num carro de bois ” (LAHIRI, 2019, p. 83).	Cultura material	Domesticação
08	“[...] tied to the free end of her sari ” (LAHIRI, 1999, p. 71).	“[...] amarradas na ponta solta do sári ” (LAHIRI, 2019, p. 82).	Cultura material	Domesticação
09	“Why scrape lime from a betel leaf ? (LAHIRI, 1999, p. 72).	“Por que raspar o visgo de uma folha de bétel ?” (LAHIRI, 2019, p. 83).	Cultura ecológica	Domesticação

Fonte: elaboração nossa

No que se refere às estratégias de tradução empregadas, podemos visualizar que dos 09 (nove) marcadores culturais, Siqueira optou por estrangeirizar 04 (quatro), e domesticar os outros 05 (cinco), conforme descrito no quadro acima. A seguir, discutiremos com maiores detalhes a respeito dos possíveis motivos de Siqueira adotar determinadas estratégias na reescrita do conto de Lahiri. Procedemos desse modo, pontuando cada marcador cultural descrito no quadro anteriormente apresentado e buscando refletir sobre as referidas

estratégias.

7.1 O uso das estratégias de estrangeirização e domesticação

Nesta seção, apresentaremos os marcadores culturais selecionados no texto fonte, os quais, ao serem cotejados com suas respectivas soluções tradutórias, identificam o emprego das estratégias de estrangeirização e domesticação por parte do tradutor durante este processo.

Dentre os excertos que serão citados, identificamos que foi empregado, por Siqueira, a estratégia da estrangeirização em 04 (quatro) excertos. O primeiro excerto que iremos discutir, refere-se a uma fala do narrador no início do conto. O narrador está descrevendo os bens materiais que a protagonista possuía, dentre eles, um artefato, uma espécie de caixa que culturalmente os indianos utilizam para guardar seus pertences preciosos. Conforme excerto abaixo, podemos perceber que o tradutor optou por manter o marcador cultural, conforme apresentado pela autora na versão inglesa,

(TP⁹) “[...] a rosewood *almari* and a number of coffer boxes [...]” (LAHIRI, 1999, p. 71).

(TC¹⁰) “[...] uma *almari* de pau-rosa e uma porção de caixas-cofres” (LAHIRI, 2019, p. 81).

Em outras palavras, Siqueira trouxe a expressão indiana para a língua portuguesa brasileira, não promovendo, assim, alterações no significante, talvez, aguardando que o leitor compreenda o significado da expressão, apenas, pelo contexto apresentado no conto. Além disso, outro possível motivo para Siqueira manter o estrangeirismo *almari*, deve-se ao fato de o marcador cultural evidenciar a origem/etnia da personagem, o que suscita no leitor, o conhecimento intrínseco a respeito da cultura retratada no conto.

Siqueira (2009) afirma que “[t]raduzir de uma língua para outra é mais que traduzir palavras. Cada língua determina processos de pensamento, padrões de imagem e metáforas específicos de sua cultura”. Isso pode sugerir que nem sempre é possível utilizar empréstimos culturais, sem um outro meio para auxiliar o entendimento do significado pelo público-alvo da obra. Em alguns casos, como nos excertos que citaremos abaixo, demonstrarão que Siqueira realizou a estrangeirização dos marcadores culturais, porém necessitou do apoio de

⁹ Texto de partida.

¹⁰ Texto de chegada.

paratextos¹¹, especificamente, notas de rodapé, visando, possivelmente facilitar a compreensão do leitor brasileiro.

Para exemplificar o emprego desta estratégia pelo tradutor, seguem os excertos abaixo:

(TP) “[...] Boori Ma’s services came to resemble those of a real *durwan*” (LAHIRI, 1999, p. 73).

(TC) “[...] os serviços de Buri Ma chegaram a rivalizar com os de um verdadeiro *durwan*” (LAHIRI, 2019, p. 84).

[TP] “*Bechareh*, she probably constructs tales as way of mourning the loss of her family [...]” (LAHIRI, 1999, p. 72).

[TC] “*Bechareh*, ela provavelmente inventa histórias como forma de lamentar a perda da família [...]” (LAHIRI, 2019, p. 83).

[TP] “[...] a prosperous *zamindar*” (LAHIRI, 1999, p. 73).

[TC] “[...] um próspero *zamindar*” (LAHIRI, 2019, p. 83).

A expressão indiana *durwan*, apresentada por Lahiri, consta no título do conto e em algumas partes do texto. Por ter sido apresentada no início do conto, com o mesmo significante do texto fonte, a expressão *durwan* certamente gerou uma sensação de curiosidade por parte do leitor de língua portuguesa que conforme realiza a leitura do conto, tenta construir o significado do marcador cultural, conforme as pistas dadas pelo narrador. Por fim, é revelado, páginas a frente, por meio de uma nota de rodapé que se trata da função de um porteiro ou zelador.

Diante disso, surge uma pergunta, o porquê de Lahiri optar pelo uso da expressão *durwan*? A escritora, ao escrever o conto em língua inglesa, poderia optar pela expressão *doorman* — o porteiro em português — que se aproxima do significado da expressão *durwan*. Entretanto, a autora, resolveu manter a expressão indiana, talvez, desejando chamar a atenção para a profissão, e o que ela representa culturalmente.

Na Índia a sociedade — extraoficialmente — divide-se em castas, o indiano que não pertencer a nenhuma casta é considerado um *pária* “[...] impuro e desprezível pela tradição cultural hinduísta. [...] designa *qualquer pessoa mantida à margem da sociedade ou excluída do convívio social*” (COSTA, 2015). A definição acima, remete a protagonista do conto, que além de ser tratada de forma excludente, exerce no prédio, informalmente, uma função de porteira/zeladora que na tradição indiana é atribuída e realizada por *párias*. Siqueira,

¹¹ O paratexto segundo Gérard Genette (2009, p. 09) consiste em toda a produção seja verbal, ou não verbal, que acompanha o texto, desde o título, prefácio ou uma ilustração, no caso aqui descrito as notas de rodapé. O paratexto auxilia na recepção e apresentação do texto para a cultura de chegada.

provavelmente, atento a isso, optou pela apropriação do significante, pois visualizou o marcador cultural como uma palavra-chave do conto, gerando um mistério a partir de seu significado, e posteriormente informando, por meio do paratexto, sua tradução em língua portuguesa.

Nas notas de rodapé incorporadas no texto de Lahiri por Siqueira, a expressão *bechareh* é utilizada para denotar um sentimento de compaixão. Siqueira traduziu para o português como “coitadinha”. Já a expressão *zamindar* foi apresentada com a tradução de “dono de terras”, provavelmente um latifundiário. Como visto, o tradutor Siqueira optou pelo uso de notas de rodapé, provavelmente, imaginando que as expressões empregadas por Lahiri fossem totalmente desconhecidas para os brasileiros, e talvez acreditando que trazê-las para a língua portuguesa apenas como estrangeirismos não seriam suficientes para o entendimento do contexto apresentado. Dessa forma, o tradutor decidiu pela estrangeirização desse marcador cultural, apresentando uma breve definição, uma “mensagem materializada” (GENETTE, 2009, p. 12), em forma de nota de rodapé, isto é, incluindo um paratexto, para indicar sobre a que essa expressão se refere.

Convém citar que no texto em língua inglesa, todos os marcadores culturais de origem indiana são citados no texto, sem o apoio das referidas notas de rodapé, e cabe ao leitor pelo contexto, ou realizando uma pesquisa, à parte, descobrir o significado de certas palavras. Genette (2009, p. 13) afirma que o “[...] paratexto pode aparecer a todo o momento, [...] por decisão do autor, ou por intervenção alheia [...]”. No texto em português, o tradutor realizou a referida intervenção, provavelmente, acreditando que poderia ocorrer dúvidas, por parte dos leitores de língua portuguesa, a respeito das expressões indianas, assim, tomou o cuidado de acrescentar na tradução, notas de rodapé para auxiliar a leitura dos brasileiros.

A manutenção dos marcadores da versão inglesa para a versão brasileira, é importante, uma vez que os marcadores citados, auxiliam no tom literário da obra, pois a autora, possivelmente pode tê-los inseridos no texto como uma forma de obter o seu espaço, e realizar um grito metafórico de “eu estou aqui”. Ou seja, buscando ser vista e escutada em um ambiente alheio a sua cultura e crenças. A autora, assim também como a protagonista Buri Ma, reside no meio de “estranhos”, e se adapta para conquistar o seu espaço, o que remete também aos marcadores culturais que estão presentes no conto, firmes, rodeados de palavras de um outro idioma, mas mesmo assim se impondo e chamando a atenção para si.

No que tange à estratégia de domesticação convém citar, primeiramente, que no

período da idade média, São Gregório, visando tornar a mensagem do evangelho aos “pagãos” da Inglaterra e de outras partes do mundo mais acessível e de fácil aceitação, decidiu que os templos pagãos não deveriam ser destruídos, mas aproveitados para a conversão religiosa. Com esta visão, São Gregório transformou os templos em igrejas (BURKE, 2003, p. 46). Este exemplo, apresentado por Burke, refere-se ao conceito de acomodação. Conceito esse, que possui relação com a estratégia de domesticação, uma vez que o estrangeiro foi “trazido”, acomodado e adaptado para que houvesse uma melhor aceitação por parte do “público”, o que compreendemos que foi o ocorrido no caso em tela.

Dando continuidade à nossa análise, a seguir apontaremos os marcadores culturais constantes no conto em pauta, os quais foram traduzidos por Siqueira, a partir da estratégia da domesticação, esta ação envolveu a transformação dos significantes estrangeiros em significantes familiares aos do público-alvo, como podemos verificar:

[TP] “**Boori Ma**, sweeper of the stairwell, had not slept in two nights” (LAHIRI, 1999, p. 70).

[TC] “**Buri Ma**, varredora de escada, não dormia havia duas noites” (LAHIRI, 2019, p. 81).

No excerto acima podemos perceber que o tradutor domesticou o nome da protagonista, ou seja, reescreveu o significante da expressão de acordo com a gramática/fonética da língua portuguesa brasileira, pois dificilmente, encontraremos no Brasil um nome próprio com duas vogais iguais em uma mesma sílaba. Esse tipo de tradução utilizada por Siqueira transformou o “[...] estranho em familiar, propiciando aos leitores a reconhecer sua cultura no estrangeiro” (GENTZLER, 2009, p. 63). Siqueira, provavelmente, pensando em seu público, decidiu por esse caminho, deixando o texto um pouco mais familiar para os brasileiros, bem como, nos excertos abaixo,

[TP] “[...] tied to the free end of her **sari**” (LAHIRI, 1999, p. 71).

[TC] “[...] amarradas na ponta solta do **sári**” (LAHIRI, 2019, p. 82).

[TP] “Why scrape lime from a **betel leaf**?” (LAHIRI, 1999, p. 72).

[TC] “Por que raspar o visgo de uma **folha de bétel**?” (LAHIRI, 2019, p. 83).

Siqueira fez o acréscimo do acento agudo tanto na expressão *sari*, que designa uma vestimenta característica dos indianos, quanto no marcador *betel*, uma planta utilizada no norte

da Índia para fins medicinais, tais como inflamações, dores de cabeça, dentre outros (SÁ, 2013). Dessa maneira, a domesticação, empregada por Siqueira, no caso acima, é uma tentativa de reduzir “[...] a própria diferença que a tradução é chamada a transmitir¹²” (VENUTI, 1995, p. 21), porém, vale destacar que a diferença apresentada na tradução, comparando com o texto fonte, foi sutil, uma vez que a inserção do acento agudo nos citados marcadores, facilita a pronúncia da expressão, sinalizando a sílaba tônica para o leitor.

Além dos exemplos empregados em expressões no idioma indiano, averiguamos a ocorrência de domesticações em expressões da língua inglesa, conforme abaixo:

[TP] “It could be a case of **prickly heat**” (LAHIRI, 2019, p. 74).
[TC] “— Deve ser **brotoeja de calor**” (LAHIRI, 1999, p. 85).

[TP] “[...] Boori Ma insisted that she had come to Calcutta on a **bullock cart**?” (LAHIRI, 1999, p. 72).
[TC] “Buri Ma insistia que viera de Calcutá num **carro de bois**” (LAHIRI, 2019, p. 83).

As expressões selecionadas acima em língua inglesa, como podemos observar, tanto *prickly heat*, quanto *bullock cart* sofreram mudanças em seus significantes quando reescritas para a versão brasileira, todavia, os significados de acordo com o contexto apresentado no texto fonte não sofreram alterações. O conto, a narrativa em prosa curta (POE, 2016, p. 04), em alguns casos, não detalha certos aspectos dos personagens presentes no enredo, ficando por conta de o leitor construir sua própria percepção a respeito da personagem, tendo como base as expressões propostas pelo autor.

Nesse sentido, Siqueira parece ter negociado os significados, para que o leitor compreendesse o enredo e o contexto da personagem. Dessa forma, ele optou por escolher palavras da língua portuguesa que fossem mais próximas do significado proposto pela autora. A expressão *brotoeja*, revela que a protagonista do conto, não estava vivendo em um local adequado, e conseqüentemente sendo acometida por uma doença de pele. A expressão *carro de boi* foi utilizada para explicar a forma que Buri Ma realizou uma certa viagem, sugerindo, por seu turno, que a personagem não tivesse condições de pagar uma condução mais confortável, por tratar-se de uma refugiada. Isso demonstra como a escolha das estratégias de tradução são importante, pois, se o tradutor, por acaso, escolhesse uma expressão que não

¹² “[...] the very difference that translation is called on to convey” (VENUTI, 1995, p. 21).

conferisse com o contexto apresentado, poderia interferir na comunicação entre texto e leitor, pois conforme menciona Pym (2017, p. 265), “[...] a tradução é vista, [...], como atividade geral de comunicação entre grupos culturais”.

Apesar das vantagens do uso da domesticação em atividades tradutológicas, há teóricos que a criticam. Esse é o caso de Venuti (1996, p. 111), haja vista que o teórico declara que a domesticação “[...] supressão das diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, assimilando-os aos valores dominantes na cultura da língua-alvo, tornando o reconhecível [...]”. Realmente, ao lermos a versão brasileira do conto em tela, as expressões *carro de boi* e *brotoeja*, utilizadas por Siqueira, não nos causam nenhum tipo de estranhamento, e possivelmente nem mesmo geram no leitor brasileiro a necessidade de conhecer sobre a cultura proposta no enredo. Somente notaremos que houve essa acomodação das expressões se cotejarmos a versão traduzida com o texto fonte.

Ainda sobre a crítica de Venuti (1996), acreditamos ser em parte válida, uma vez que se o tradutor Siqueira houvesse decidido pela domesticação das expressões que foram estrangeirizadas no objeto desta pesquisa, não teríamos a mesma experiência que os leitores da versão inglesa. Provavelmente, não nos sentiríamos instigados a pesquisar e a conhecer um pouco mais sobre a cultura indiana.

Por fim, como podemos observar — por meio desta análise — ambas as estratégias de tradução identificadas no conto, possuem suas vantagens e desvantagens, cabe ao tradutor a responsabilidade de determinar por meio do contexto, público-alvo, idioma, gramática, cultura, dentre outros elementos, a estratégia a ser empregada para cada marcador cultural, que em alguns casos, necessitará ser reescrito para o texto final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “A Real Durvan” (1999) apresenta algumas expressões características da língua inglesa e marcas particulares, as quais remetem à cultura indiana, o que acreditamos deve ter gerado certas dificuldades no momento da tradução. Siqueira, provavelmente, necessitou realizar uma pesquisa para que compreendesse o significado dos marcadores culturais contidos no conto, para optar pela estratégia de tradução mais adequada para cada caso, de acordo com seu ponto de vista.

Na versão em língua inglesa, os marcadores culturais referentes à cultura indiana são

apresentados no corpo do texto somente com o uso do itálico. Já na tradução brasileira, na maioria dos casos, Siqueira empregou, além do itálico, um recurso paratextual, as notas de rodapé, nas quais inseriu uma breve descrição do significado de tais marcadores. Vale destacar que as notas de rodapé, dão destaque ao trabalho do tradutor, e demonstram uma certa preocupação e cuidado do tradutor para com o público brasileiro, uma vez que, talvez, Siqueira tenha inferido que os marcadores culturais estrangeirizados, possivelmente, fossem gerar dúvidas no momento da leitura, optando, assim, por acompanhá-los de notas de rodapé, o que resultou em um texto distinto ao texto fonte.

Como observamos na análise, a nossa pesquisa demonstrou que dos 09 (nove) marcadores culturais selecionados no conto, 04 (quatro) foram traduzidos por meio da estratégia da estrangeirização e, 05 (cinco) marcadores, Siqueira optou pela domesticação. A partir das escolhas tradutórias de Siqueira, podemos deduzir que houve uma certa negociação dos significantes e significados. O tradutor ao utilizar as referidas estratégias de modo equilibrada, necessitou realizar uma transformação no texto, reescrevendo os marcadores culturais, de acordo com cada caso apresentado no conto.

Salientamos, por fim, que o nosso intento não foi determinar se os marcadores culturais foram traduzidos de “forma correta”, com a “estratégia certa” ou não, mas sim destacar os elementos culturais inerentes à tradução, levantando algumas reflexões no campo da tradução literária, na tentativa de fomentar as investigações relacionadas à essa importante área de estudo.

REFERÊNCIAS

AUBERT, Francis Henrik. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. **Revista de Estudos Orientais**, São Paulo, n. 5, p. 23 – 36, abr. 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5011929/mod_resource/content/1/aubert%20-%20marcadores%20culturais.pdf. Acesso em: 17 mar. 2020.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BASSNET, Susan. **Estudos de tradução**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

COSTA, Andréa Moraes da. Patronagem: um diálogo entre os Estudos de Tradução e os Estudos Culturais, *In*: Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística, n. 1, v. 3,

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 3, p. 103-123, 2021.



2013, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1238.pdf. Acesso em 22 mar. 2021.

COSTA, Fernando Nogueira da. Castas e párias. *In: **Blog Cidadania & Cultura***. 02 dez. 2015. Disponível em: <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2015/12/02/castas/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

FROTA, Maria Paula. Um balanço dos Estudos da Tradução no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 19, p. 135-169, abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6996/6481>. Acesso em: 17 mar. 2019.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2003.

LAHIRI, Jhumpa. **Interpreter of maladies**. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 1999.

LAHIRI, Jhumpa. **Intérprete de males**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

LAHIRI, Jhumpa. **The namesake**. New York: Mariner Books, 2003.

LAHIRI, Jhumpa. **O xará**. São Paulo: Globo, 2014.

LAHIRI, Jhumpa. **In other words**. New York: Bloomsbury, 2016.

OUSTINOFF, Michael. **Tradução história, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PIRES, Mônica Kalil. Tradução Cultural através da literatura: entre o mundo árabe e o ocidente. *In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*, 11, 2008, São Paulo. **Anais [...]**. Disponível em: https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/051/MONICA_PIRES.pdf. Acesso em: 08 mar. 2021.

POE, Edgar Allan. Resenhas sobre Twice-Told Tales, de Nathaniel Hawthorne. **Bestiário**, agos. 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3714997/mod_resource/content/3/Poe%20%20Resenha%20de%20Hawthorne.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.

PYM, Anthony. **Explorando as Teorias da Tradução**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SÁ, Ludymilla. Pesquisador da UFMG comprova a eficácia de trepadeira indiana contra doenças. **Estado de Minas**, 03 jun. 2013. Disponível em:

Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.14, n. 3, p. 103-123, 2021.



https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2013/06/03/interna_tecnologia,398342/pesquisador-da-ufmg-comprova-a-eficacia-de-trepadeira-indiana-contradoencas.shtml. Acesso em: 11 mai. 2021.

SIQUEIRA, José Rubens. Biografia. **JRS**, 2017. Disponível em: <https://www.joserubenssiqueira.com.br/biografia>. Acesso em: 27 set. 2020.

SIQUEIRA, José Rubens. Terra em transe. **Folha de São Paulo**, 30 ago. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3008200907.htm>. Acesso em: 27 set. 2020.

STERVID, **Beatriz Terreri**. Do texto ao contexto: uma análise comparativa das abordagens descritiva e funcional dos Estudos da Tradução. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, v. 23, n. 39, p. 1-24, fev. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/163243>. Acesso em: 8 mar. 2021.

VENUTI, Lawrence. O escândalo da tradução. **Tradterm**, São Paulo, n. 3, p. 111-122, dez. 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1996.49897>. Acesso em: 29 mai. 2021.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. London; New York: Routledge, 1995.